

# **Narrativas autobiográficas de migrantes e refugiados:**

**eu-lá-ontem,  
eu-aqui-agora**

**Sandra Maria Silva Cavalcante<sup>1</sup>**  
**Igor Amaral Vitral Hollerbach Athayde<sup>2</sup>**

RESUMO: Neste trabalho, investigamos, em uma perspectiva cognitivo-enunciativa, o processo de construção identitária de migrantes - dentre os quais, os que se encontram em situação de refúgio -, por meio de narrativas autobiográficas, enfatizando o modo como, ao narrarem a sua experiência de chegada ao país de acolhida, colocam em cena afetos e constroem diferentes pontos de vista. Descrevemos, no processo de análise do *corpus*, os modos como o sujeito se encena, construindo discursivamente as perspectivas de diferentes “eus” – em diferentes tempos e espaços – ao referenciar a própria trajetória de readaptação sociocultural. O *corpus* da pesquisa foi constituído no campo de uma prática de extensão universitária, mais precisamente, em oficinas de ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAC). Nessa medida, decorre de um processo de pesquisa-ação. Os dados são analisado à luz de princípios epistemológicos e de procedimentos metodológicos próprios à teoria de redes de integração conceptual (BRANDT; 2004) e de estudos que atribuem status de relevância às emoções nos processos de produção de sentido (CAVALCANTE; MILITÃO, 2014). A partir de nossas análises, foi possível concluir que a formação identitária do enunciadormigrante resulta de um movimento cognitivo que reconstrói um “eu-lá-on-tem”, integrando-o a outros “selves” para a constituição do “eu-aqui-agora”.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Migrantes. Narrativas. Perspectiva. Refugiados.

---

1 Professora no Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e-mail: scavalcante@pucminas.br;

2 Graduando em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e-mail: igor.athayde@sga.pucminas.br.

## 1. PONTO DE PARTIDA: IDENTIDADE, NARRATIVA E MIGRAÇÃO

Onde está / Meu irmão / Sem Irmã  
O meu filho sem pai / Minha mãe  
Sem avó / Dando a mão pra ninguém  
Sem lugar / Pra ficar / Os meninos sem paz  
Onde estás / Meu senhor / Onde estás? Onde estás?  
Diáspora (Tribalistas, 2017)

O tema da constituição identitária é caríssimo aos estudos linguísticos e tem sido frequentemente revisitado sob diversas perspectivas teóricas. No campo da Linguística da Enunciação, podemos confirmar esse argumento na concepção de discurso como “o ato individual de colocar a língua em atividade”, que implica o reconhecimento e a descrição de operações linguístico-discursivas que explicitam uma composição cênica, segundo a qual o sujeito de linguagem se encena instanciando-se, enunciativamente, sempre na relação que estabelece (ou projeta) com outro sujeito e em um determinado tempo e espaço. (BENVENISTE, 1991). Esse objeto de investigação, recentemente, vem ganhando atenção também no âmbito dos estudos cognitivos. Nesta pesquisa, partimos do princípio de que entender a construção humana da subjetividade, na linguagem e pela linguagem, é fundamental à análise de qualquer situação enunciativa e indispensável à compreensão dos mecanismos de produção e processamento de sentido.

Tendo a questão da significação como sua preocupação central, Benveniste formula uma completa teoria do sujeito, possivelmente influenciado pelo pensamento de filósofos alemães do século XVIII (WERNER, 2007. p. 401). Por incidir luz sobre o indivíduo e sobre as relações que ele estabelece com tempo e espaço no ato de enunciar, Benveniste oferece uma lente interpretativa valiosa à análise de narrativas autobiográficas.

Buscando estabelecer um diálogo entre princípios epistemológicos constitutivos do campo da Linguística da Enunciação e estudos que focalizam a relação entre linguagem e cognição, mais precisamente, estudos desenvolvidos nos campos da Linguística e da Semiótica Cognitiva, como se explicará mais adiante, é possível abordar o fenômeno da narrativa sob a perspectiva do sujeito que se constrói, encena e revela, identitariamente, no processo de narrar e das operações linguístico-cognitivas responsáveis pelo ato de significar-se. Nesta pesquisa, compreendemos a narrativa autobiográfica, portanto, não em termos de um gênero discursivo, *stricto sensu*, mas como prática de interação concreta e situada - e seu resultado textual - em que um sujeito se constitui identitariamente ao referenciar a si mesmo. Assim sendo, apresentamos o resultado da análise de um *corpus* de narrativas autobiográficas produzidas por migrantes - dentre os quais, os que se encontram em situação de refúgio - no contexto da imersão cultural e do aprendizado do português como língua de acolhimento.

Tratando-se do sujeito marcado por uma experiência cultural diaspórica e das interações discursivas que ele estabelece em um cenário de (re)inserção sociocultural, o *corpus* revela ainda a possibilidade e a necessidade de se investigar a encenação da experiência humana do emocionar - que emerge na relação entre o sujeito e um novo ambiente, uma nova cultura - e seu papel na formação do 'eu' que se coloca na narrativa. Para isso, utilizamos, como principais fundamentos e procedimentos de análise, estudos sobre o papel das emoções no ato de conhecer e no processo de produção de sentidos pelos seres humanos (MATURANA, 2002; CAVALCANTE; MILITÃO, 2016).

O propósito aqui manifesto insere-se em uma agenda de aplicação social do trabalho acadêmico, que contempla os dilemas de populações em situação de vulnerabilidade acrescida. Em meio à crise de refugiados que vivemos - e que vem tomando proporções críticas desde a eclosão dos conflitos na Síria, em 2011, mostrando, desde então, um crescimento exponencial das solicitações de refúgio (sobretudo no continente Europeu) -, buscamos ouvir as vozes de sujeitos que enfrentam as dificuldades da migração somadas aos fenômenos do racismo e da xenofobia, que cada vez mais vêm se intensificando mundialmente<sup>3</sup>. O *corpus* que ora analisamos permite uma abordagem metonímica da condição de muitos refugiados no Brasil, lançando luz sobre o sujeito que reage ao contexto de sua reconfiguração sociocultural e se enuncia para referenciar sua própria história, seus afetos, suas dificuldades.

Sendo assim, esta pesquisa justifica-se sob o argumento ético da atenção aos grupos minoritarizados, enfocando cidadãos do mundo que, muitas vezes invisibilizados, são privados do exercício pleno de seus direitos. Ainda, nesse sentido, respondemos ao apelo internacional por um acolhimento digno a refugiados e demais migrantes do mundo todo, e ao movimento pela defesa dos Direitos Humanos e pela Cultura da Paz, impulsionado pela ONU e pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Cabe, portanto, partirmos para uma breve contextualização histórica da crise de refugiados, situação que motivou nossas pesquisas.

## 2. PERCURSOS E PERSPECTIVAS

Os refugiados simbolizam, personificam nossos medos. Ontem, eram pessoas poderosas em seus países. Felizes. Como nós somos aqui, hoje. Mas, veja o que aconteceu hoje. Eles perderam suas casas, perderam seus trabalhos. O choque está apenas começando.

Zygmunt Bauman

---

3. Esse fenômeno se evidencia nas respostas xenofóbicas de diversas instituições europeias à Crise Migratória no Mediterrâneo, bem como nas polêmicas declarações do presidente Jair Bolsonaro e do ex-presidente estadunidense Donald Trump. Sobre o racismo estrutural, vale lembrar as manifestações que eclodiram mundialmente em resposta ao assassinato de George Floyd, nos Estados Unidos, e, no Brasil, de João Alberto Silveira Freitas.

## 2.1 CONTEXTO SOCIAL: A CRISE DE REFUGIADOS NO BRASIL E NO MUNDO

Em meados do século XX, a Europa achou-se novamente em um conflito de proporções mundiais. A instabilidade de que os países do continente foram acometidos provocou movimentos acentuados de deslocamento populacional (MOREIRA, 2005), que desencadearam discussões acerca da problemática do refúgio que se estendem até os dias atuais. Ao final da Segunda Guerra, a situação era crítica e percebeu-se urgente estruturar uma política global de acolhimento a quem quer que pudesse se ver forçado a deixar seu país.

Por esses motivos, realizou-se em Genebra, em 1951, a Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados<sup>4</sup>. Nessa convenção foi estabelecida uma série de compromissos pelos países signatários, visando garantir direitos e atender às necessidades dos refugiados na Europa. Desde então, têm se discutido ainda mais intensamente, no mundo todo, os temas da migração e do refúgio, das práticas de acolhimento e do processo de readaptação sociocultural.

Nesse contexto, cabe fazer uma distinção, conforme estabelecido na convenção de 1951, entre a condição de “migrante” e de “refugiado”.<sup>5</sup> É considerado um migrante qualquer pessoa que muda de região ou país, por motivação própria ou não, em situação de crise humanitária ou não. Por sua vez, um refugiado é um sujeito que migra para fugir de situações que colocam em risco iminente a sua vida, como guerras, conflitos internos, violação dos direitos humanos ou perseguição política, étnica ou religiosa. Refugiados<sup>6</sup> são, portanto, migrantes forçados a se deslocar.

Atualmente, o número de pessoas forçadas a se deslocar pelo mundo atinge números preocupantes: cerca de 79,5 milhões nos últimos anos (ACNUR, 2019)<sup>7</sup>. Esta é a pior crise de refugiados desde o fim da Segunda Guerra, segundo a ONU. Durante esse período, metade do fluxo anual de refugiados foi de origem Síria, devido à guerra civil que se instaurou no país desde 2011 (ACNUR, 2019).

No Brasil, recebemos também um intenso fluxo de refugiados de origem Venezuelana e Haitiana, que saem de seus respectivos países pela instabilidade política e econômica que os acomete. De acordo com dados divulgados pela ACNUR:

---

4. Para mais detalhes, consultar <https://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/>

5. Para mais informações, ver Flister (2020, p. 37)

6. Doravante, neste artigo, ao usarmos o termo “migrantes”, deve-se compreender também a categoria de “refugiados”. Entretanto, em alguns momentos, para enfatizar as particularidades da situação de refúgio em um contexto de migração humanitária, trataremos as duas categorias em paralelo, coordenando os termos “migrantes” e “refugiados”.

7. As informações foram obtidas no relatório feito pela ACNUR, disponível no site da instituição e constantemente atualizado, possibilitando um acompanhamento dos dados sobre refúgio no Brasil e no mundo.

No total, 33.866 pessoas solicitaram o reconhecimento da condição de refugiado no Brasil em 2017. Os venezuelanos representam mais da metade dos pedidos realizados, com 17.865 solicitações. Na sequência estão os cubanos (2.373), os haitianos (2.362) e os angolanos (2.036). Os estados com mais pedidos de refúgio são Roraima (15.955), São Paulo (9.591) e Amazonas (2.864), segundo dados da Polícia Federal. (ACNUR, 2019 - Dados sobre Refúgio no Brasil)

No entanto, assim como em inúmeros outros países, ainda não estamos preparados para oferecer um acolhimento digno a quem procura abrigo e melhores condições de vida em nosso território. Grande parte dos refugiados que vêm para o Brasil enfrenta o racismo e a xenofobia, desemprego, condições precárias de moradia, dentre diversas outras dificuldades. (MOREIRA, 2014).

Nesse contexto, são extremamente valiosas as iniciativas de mediação da inserção sociocultural de refugiados e demais migrantes. Como exemplo, temos trabalhos como o desenvolvido pelo Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR) que, organizado em 50 países, atua em diversos lugares do Brasil para um acolhimento humanitário a migrantes, com a missão de:

[...] promover e proteger a dignidade e os direitos de migrantes e refugiados vulneráveis no Brasil, acompanhando seu processo de inclusão e autonomia, incidindo na sociedade e no poder público para que reconheçam a riqueza da diversidade humana. (SJMR, 2019. Quem somos)

Dentre as atividades realizadas por essa instituição, encontra-se a oferta do ensino da língua portuguesa, contextualizado e significado no reconhecimento das principais necessidades e potencialidades de sujeitos em situação de migração e de refúgio, no Brasil. Dessa frente de trabalho nasceu o projeto de extensão universitária em cujo âmbito desenvolveu-se esta pesquisa.

## **2.2 CAMPO DE PESQUISA: UMA COMUNIDADE INTERCULTURAL DE APRENDIZAGEM**

A ação extensionista na qual este trabalho de pesquisa se institui define-se como um espaço de aprendizagem do português e de imersão cultural para sujeitos em situação de migração humanitária. Essa ação, nomeada como Projeto LER (práticas de Leitura e Escrita com Refugiados e Migrantes), é uma iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas em parceria com o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR). Congregando extensão e pesquisa, o projeto conta com a participação de professores, alunos – graduandos, mestrandos e doutorandos - de diversos cursos da universidade e migrantes e refugiados de nacionalidades diversas e diferentes níveis de proficiência em língua portuguesa. De acordo com Cavalcante (2018), o objetivo geral do projeto é:

Contribuir para o exercício da autonomia pessoal, da inclusão e da emancipação social de jovens refugiados e migrantes que, na região metropolitana de Belo Horizonte, encontram-se no processo de aprendizagem e de uso da língua portuguesa como forma de inserção cultural, através do desenvolvimento de habilidades linguístico-discursivas e sócio-emocionais implicadas no exercício da cidadania dos seus participantes. (PROEX, PUC Minas - Projeto LER)<sup>8</sup>

Nesse sentido, o projeto não apenas oferece o ensino da língua, mas constrói um ambiente intercultural em que o aprendizado do português e a imersão na cultura brasileira se dão pela convivência efetiva e afetiva de seus participantes, ou seja, pelo compromisso e interesse mútuo no bem-estar do outro e pela coordenação de ações visando à emancipação e inserção sociocultural de cada indivíduo.

O Projeto LER ainda concilia seus objetivos pedagógicos à proposta de produzir e sistematizar conhecimentos acerca do aprendizado de uma nova língua, do processo de construção identitária de migrantes e refugiados e das intrincadas relações entre emoções, cognição e linguagem, inscrevendo-se, portanto, no âmbito da pesquisa-ação participativa. As narrativas autobiográficas que compõem o *corpus* que aqui analisamos foram produzidas no contexto de atividades pedagógicas do projeto.

### **2.2.1 O ENSINO DO PORTUGUÊS NO CONTEXTO DA MIGRAÇÃO HUMANITÁRIA**

O ensino da língua portuguesa no contexto da migração humanitária pode ser tomado sob diversas perspectivas teórico-pedagógicas. Essas perspectivas podem diferir quanto à compreensão dos processos de aprendizado e de ensino de uma nova língua e quanto aos papéis do professor e do aluno nesse processo. Uma clara apresentação dessas diferenças encontra-se em Flister (2020, p. 52), que destaca como sendo as abordagens de ensino mais comuns, nesse campo, o Português como Língua de Acolhimento (PLAC), o Português como Língua Adicional (PLA) e o Português como Língua Estrangeira (PLE).

No Projeto LER, o ensino da língua não é tomado na perspectiva do Português como Língua Estrangeira (PLE), mas das emergentes metodologias de ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAC)<sup>9</sup>, que pressupõem uma aprendizagem contextualizada, voltada para o processo de ampla integração sociocultural, visando a completa inserção social do

---

8. Disponível no endereço: <http://portal.pucminas.br/proex>. Acesso em 06/05/2021

9. Para mais informações, ver: Língua de acolhimento: experiências no Brasil e no mundo / Luciene Corrêa Ferreira... [et al.], organizadores. – Belo Horizonte: Mosaico Produção Editorial, 2019.

estudante. De acordo com Flister (2020, p. 54), o ensino de PLAC é uma subárea do PLA (Português como Língua Adicional) orientada

para o ensino de migrantes adultos, contemplando as necessidades comunicativas relacionadas aos diversos campos de ação dos migrantes no novo país. Tais necessidades se referem à cultura, ao campo profissional, às relações interpessoais e ao conhecimento jurídico do país de acolhimento. Um desafio no planejamento das aulas de PLAC diz respeito à heterogeneidade dos aprendizes. (FLISTER, 2020. p. 54)

Através de um processo de observação empírica, podemos afirmar que o PLAC se revela uma abordagem extremamente eficaz de ensino, garantindo aos participantes uma aprendizagem contextualizada e significativa em termos de proficiência linguística. Essa observação pressupõe a avaliação sistemática dos aprendizes no âmbito das atividades pedagógicas e culturais do Projeto, bem como sua efetiva inserção no campo social - realização de exames como CELPE-Bras (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros) e ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), criação de pequenos empreendimentos, participação em processos de seleção para trabalho.

### **2.3 METODOLOGIA: DO DESAFIO E POTENCIALIDADE DA PESQUISA-AÇÃO**

O trabalho apresentado neste artigo inscreve-se, metodologicamente, no âmbito da pesquisa-ação participativa, que aqui se entende como

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 1985, p. 14 *apud* GIL, 1987).

Nossa opção metodológica não poderia ser outra, uma vez que tratamos da experiência de toda uma população em situação de vulnerabilidade acrescida. Ainda podemos classificar esta pesquisa tendo em vista seu caráter exploratório, pois pretendemos, com ela, proporcionar maior familiaridade com o processo de constituição identitária de migrantes e refugiados, explicitando os fatores enunciativo-cognitivos relevantes a este processo e levantando questões para pesquisas futuras.

Os resultados apresentados, neste artigo, baseiam-se na análise de dados constituídos, em uma perspectiva etnográfica, no âmbito das atividades do Projeto LER. O *corpus* estrutura-se em termos de narrativas escritas que tematizam as trajetórias de readaptação sociocultural de migrantes e refugiados na cidade de Belo Horizonte. Conforme antecipamos na introdução, as narrativas autobiográficas não serão tomadas como gênero discursivo - o que poderia dissociar o ato de produção textual e



o ser humano que, imerso em uma coletividade histórica, apropria-se de uma língua para narrar-se. Sendo assim, compreendemos uma narrativa autobiográfica como prática de interação concreta e situada, em que um sujeito se constitui identitariamente ao referenciar a si mesmo.

No período de realização desta pesquisa<sup>10</sup>, foram produzidas narrativas orais e escritas, dentre os exercícios realizados pelos participantes do projeto, no contexto de aprendizagem e prática da escrita e da oralidade em língua portuguesa. Entre as ações pedagógicas que definiram a base para a constituição de nosso *corpus*, foi proposta a redação de uma carta, endereçada a algum amigo ou familiar da terra natal, em que se deveria relatar a chegada ao Brasil, suas primeiras percepções e as principais mudanças pelas quais passaram ao longo do tempo. No âmbito dessa ação pedagógica, obtivemos cartas de estudantes de idades e nacionalidades variadas. Do *corpus*, constituído por 15 cartas, selecionamos duas representativas para análise detalhada neste artigo. Dentre todas as narrativas coletadas, optamos pelas que aqui se apresentam, pois elas permitem demonstrar com clareza e simplicidade os processos que investigamos. Essas duas cartas chamam atenção pela presença marcada dos afetos, que calibram o processo de constituição identitária. Além disso, esses textos caracterizam-se por um claro enfoque, por parte do seu autor, no relato das experiências de adaptação à língua, à sociedade e à cultura no Brasil. Por meio da análise dessas narrativas, buscaremos cumprir o nosso objetivo principal, qual seja, investigar o processo de construção identitária dos sujeitos da pesquisa, de seus enunciadores – compreendida como um processo cognitivo e discursivo.

No processo de pesquisa, compreendemos “*Identidade*” como a consciência de si mesmo (*self*) que se forma na/por meio da linguagem, durante atos de interação situados temporal e espacialmente, em que o sujeito constitui um “eu” diante de um “outro”, inscrevendo-se no discurso. Essa concepção está em consonância com argumentos apresentados por Turner (2014, p. 65) e por Benveniste (1991, p. 28), aliando contribuições da teoria da enunciação a reflexões de ordem linguístico-cognitiva.

Como dito anteriormente, o *corpus* em estudo será analisado à luz de princípios epistemológicos e de procedimentos metodológicos próprios à teoria de redes de integração conceptual (BRANDT; 2004), mais especificamente, de reflexões sobre a arquitetura mental da significação. Além disso, tomaremos como base estudos que atribuem status de relevância às emoções nos processos de produção de sentido (CAVALCANTE; MILITÃO, 2014). Partindo desses fundamentos, **analisaremos, nas narrativas autobiográficas de sujeitos que passam pelo processo de emancipação social** e de imersão linguístico-cultural, as manifestações discursivas dos afetos na encenação de si mesmo, em um determinado tempo/espaço.

---

10. Os resultados de pesquisa apresentados neste artigo decorrem da constituição e análise de um amplo corpus, de natureza multimodal, constituído no âmbito do Projeto Ler, no biênio 2018-2020.

## **2.4 ENCENAÇÃO DO SUJEITO MARCADO PELA EXPERIÊNCIA CULTURAL DIASPÓRICA**

Para compreendermos o processo de constituição identitária que se encena em cartas escritas por migrantes e refugiados, é preciso revisitar os fundamentos da noção de “eu” e de “subjatividade” na linguagem. Para isso, apoiamo-nos nas reflexões - no campo linguístico-cognitivo - sobre a produção de sentido, retomando os processos mentais implicados no ato de significar-se. Por fim, discorreremos sobre o papel crucial das emoções no processo de constituição identitária e partimos para uma análise das narrativas autobiográficas produzidas no contexto de (re) adaptação sociocultural.

### **2.4.1 COGNIÇÃO E INTERAÇÃO SIMBÓLICA: ESPAÇOS, ENCENAÇÃO E IDENTIDADE**

Pretende-se aqui descrever, nas narrativas que constituem nosso corpus, o modo como migrantes e refugiados criam diferentes espaços mentais<sup>11</sup> para referenciar o passado e a si mesmos em diferentes momentos - e em diferentes esferas da atividade humana. Esse movimento é fundamental para que se compreenda a constituição identitária desses enunciadorees que, conforme veremos, integra diferentes “eus” desses diferentes espaços em um aqui/agora discursivo.

Para avaliarmos a constituição identitária do enunciadoree em narrativas autobiográficas sob as luzes da Semiótica Cognitiva, trazemos, neste trabalho, a abordagem de Per Aage Brandt (2004) e a ferramenta teórica das Redes de Integração Conceptual. Essa teoria pressupõe a existência de um espaço semiótico base, em que - e a partir do qual - se instancia qualquer processo de significação. Esse espaço é construído na integração de conhecimentos de diferentes formas, provenientes de três dimensões da interação humana: a situação imediata, o contexto histórico e sociocultural e o fenomundo (mundo da vida).

A partir do Espaço Semiótico Base, em que se institui o processo de produção de sentido, são construídos outros espaços mentais à medida que o discurso é produzido ou processado. Segundo Cavalcante (2009):

Nas mais diversas situações de interação (assistir a um filme, visitar um museu, ler um livro, contar e ouvir uma história), os seres humanos criam “cenas”, “cenários”, dramaticamente estruturados, em torno de “agentes”, “objetos”, “relações”, “estados” e “processos”. Essas “dinâmicas cenas” são o que Brandt (2004) denomina “Espaços

---

11. O conceito de espaços mentais - e por conseguinte o de Integração Conceptual, que será apresentado em seguida, é tomado aqui na perspectiva dos estudos da semiótica cognitiva (BRANDT, 2004) e difere, portanto, da acepção tradicional (FAUCONNIER & TURNER, 2002). Para desambiguação, consultar CAVALCANTE, 2009.

Mentais”. [...] Se a produção de sentido pelos seres humanos é essencialmente teatral, os Espaços Mentais são “mini-dramas dinâmicos” que contam com recursos esquemáticos [...] de interatividade. Os Espaços Mentais (esses pequenos dramas implicados no processo de significação) são estruturados pelos domínios semânticos nas diferentes situações e pelas diferentes formas de interação humana. (CAVALCANTE, 2009. p. 75)

Os espaços mentais são construídos e mesclados, possibilitando a criação de novos sentidos no processo de integração conceptual<sup>12</sup> - ou *blending* (BRANDT, 2004). Trata-se de uma operação cognitiva que pressupõe uma projeção interdomínios. Por meio dela, estabelecemos correspondências entre elementos de dois espaços mentais - o da Apresentação e o da Referência - e os projetamos, seletivamente, em um outro espaço (Espaço Virtual) que constitui o espaço-mescla - ou espaço da teatralidade (*theatricality*). Como descreve Cavalcante (2009, p. 83), a partir do Espaço Semiótico Base, “elementos contextualmente relevantes ativam *frames* (de caráter ilocucionário, situacional, argumentativo) implicados na construção dos espaços mentais de referência e de apresentação, respectivamente”

Ainda de acordo com Cavalcante (2009),

Segundo Brandt e Brandt (2005), no espaço base, estruturas esquemáticas são ativadas a partir de um clássico construtor de espaços mentais: uma expressão dêitica. Dessa forma, instaura-se o Espaço de Referência, relativo à realidade do falante. [...] O Espaço de Apresentação se institui, no modelo de Brandt (2004), como o espaço em que os interlocutores compartilham atenção intencional na maneira como o conteúdo referencial se apresenta e se constrói discursivamente (CAVALCANTE, 2009. p. 77).

Dessa forma, o conteúdo referenciado (Espaço de Referência) é predicado de acordo com elementos do Espaço de Apresentação. Este é o princípio operacional de toda metaforização, da produção de novos sentidos, da capacidade imaginativa humana e, também, da constituição identitária.

## 2.4.2 COGNIÇÃO E IDENTIDADE: A IDEIA DE “EU”

O conceito de identidade que orienta esta pesquisa deve ser compreendido à luz dos pressupostos teóricos estabelecidos por Mark Turner (2014) no livro *The origin of Ideas*. Especificamente no capítulo *The Idea of I*, o autor afirma que

---

12. Como já mencionado, tratamos aqui do conceito de Blending (BRANDT, 2004) e não do modelo tradicional de Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Nós [humanos] construímos um senso pessoal de *self*, uma identidade estável que passa por mudanças. Na verdade, podemos construir diferentes sentidos de *self* – a depender de qual rede mental está ativa em nossos cérebros e do que é trazido à mente por fatores circunstanciais – e ainda sentir que, apesar de termos sido diferentes há apenas alguns minutos, o *self* que manifestamos agora é totalmente estável (TURNER, 2014, p. 65. Tradução nossa.).

Segundo o autor, essa noção estável de si mesmo é fruto de uma integração conceptual (*blending*) de diferentes identidades (*selves*) que construímos em diferentes momentos e situações de interação humana.

No processo de encenação de si mesmo, um enunciador cria diferentes espaços em que habitam diferentes *selves* - de diferentes tempos/espaços e/ou detentores de diferentes papéis sociais. Esses *selves* são mesclados em uma identidade unificada que se inscreve no discurso e através da qual encena-se o sujeito.

Se não fosse por essa mesclagem de “eus”, não seríamos capazes de operar com a complexidade de nossas redes mentais, com as “vastas faixas de tempo, espaço, causalidade e atividade que, de outro modo, estariam além de nossas capacidades cognitivas para tomar, explorar e manipular” (TURNER, 2014, p. 66. Tradução nossa.).

Além disso,

A mescla pode apresentar um *self* unificado, mesmo que dois dados espaços de *input* na rede mental contenham *selves* muito diferentes, talvez até agressivamente opostos, e mesmo se a distância temporal entre estes *selves* compreender muitos anos. (TURNER, 2014, p. 65. Tradução nossa.)

Partindo dessa perspectiva teórica, podemos analisar a percepção de si mesmo encenada nas narrativas de migrantes e refugiados, mostrando que o “eu” que se enuncia é resultado de um processo de integração conceptual. Compreender a constituição dos *selves* que se integram para compor a identidade que se encena é fundamental a uma visão ampla dos processos de ressignificação de si mesmo e de readaptação sociocultural do indivíduo, uma vez que nos permite acesso a diversos recortes da trajetória do sujeito narrador da própria história.

### **2.4.3 A CONSTRUÇÃO INTERSUBJETIVA DO “EU” NA LINGUAGEM**

No livro *Problemas de Linguística Geral II*, Benveniste (1989) descreve o *aparelho formal da enunciação*, uma representação estrutural de qualquer ato individual de apropriação da língua para a interação verbal. O primeiro elemento que vem à tona nessa representação é o *sujeito que fala*, entidade que mobiliza o código linguístico para a produção de sentido, representada pela primeira pessoa do discurso. Ao apropriar-se da língua em atos de interação simbólica, o sujeito empírico enuncia sua posição de locutor,

introduzindo a si mesmo em sua fala e gerando, portanto, um “indivíduo linguístico”, o enunciador. Em outras palavras, “o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala” (BENVENISTE, 1989, p. 84). No entanto, como “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação” (BENVENISTE, 1989, p. 84), o locutor também projeta em sua fala a figura de um alocutário, um “indivíduo linguístico” a que chamamos enunciatário. Este enunciatário existe mesmo quando não há um interlocutor físico no momento da enunciação: “O que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo.” (BENVENISTE, 1989, p.87).

A projeção de um enunciatário é fundamental para a constituição do “eu” que se enuncia discursivamente. Assim sendo, a constituição identitária - fenômeno de natureza linguístico-cognitiva - é essencialmente intersubjetiva. Segundo Benveniste:

Todo homem se coloca em sua individualidade enquanto *eu* por oposição a *tu* e *ele* [...] Assim, em toda língua e a todo momento, aquele que fala se apropria desse *eu*, este *eu* que no inventário das formas da língua, não é senão um dado lexical semelhante a qualquer outro, mas que, posto em ação no discurso, aí introduz a presença da pessoa sem a qual nenhuma linguagem é possível. Desde que o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando - explicitamente ou não - o pronome *tu* para se opor conjuntamente a *ele*, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda (BENVENISTE, 1989. p. 69).

Portanto, uma investigação da constituição da identidade que se encena em narrativas autobiográficas requer a descrição de quem se enuncia e para quem se enuncia - movimento analítico que possibilita o entendimento da intersubjetividade em que se produz o “eu” do discurso.

Do ponto de vista cognitivo, a formação linguística do “eu” ainda é reveladora da estruturação semântica da experiência, ou seja, da perspectivação conceptual (*construal*) que ocorre nas narrativas. Compreender a constituição identitária do sujeito que narra requer o mapeamento das operações de perspectivação conceptual (GONÇALVES-SEGUNDO, 2017) e dos demais processos mentais responsáveis pela significação de si mesmo.

#### **2.4.4 LINGUAGEM E EMOÇÕES NA ENCENAÇÃO DE SI MESMO**

Em seu artigo sobre o papel das emoções no processo de produção de sentido, Cavalcante e Militão (2016) sinalizam a importância do emocionar na linguagem humana e, por extensão, no ato de significação de si mesmo. Para compreendermos o processo de constituição identitária e a encenação dos afetos em narrativas de migrantes e refugiados, é importante revisarmos o conceito de emoção e seu lugar em processos mentais como a integração conceptual - fundamental à emergência da noção estável de *self*.

Neste estudo, abordamos o fenômeno do emocionar em consonância com a perspectiva proposta por Humberto Maturana (2002, p. 16), segundo a qual emoções seriam “disposições corporais que especificam domínios de ações”. Diante dessa perspectiva, o ser humano pode ser visto como um sistema autopoietico<sup>13</sup> que - no processo de produzir-se e regular a si mesmo - assume padrões corporais que respondem a eventos do ambiente. Semelhante a essa definição, encontra-se aquela proposta por Scherer (2013, *apud* CAVALCANTE; MILITÃO, 2016), que descreve emoção como “um episódio caracterizado por um padrão emergente de sincronização entre diferentes componentes que preparam respostas adaptativas para eventos relevantes ao organismo [...]”. Ainda, de acordo com Frijda e Scherer (2019, *apud* CAVALCANTE; MILITÃO, 2016), uma emoção reivindica no organismo a primazia pelo controle das ações - nem sempre com sucesso. Segundo Cavalcante e Militão (2016, p.46), “as emoções estruturam-se com base em: **valor de relevância do ambiente para o organismo; força motivacional que gera prontidão para a ação; engajamento do organismo “inteiro” na ação; busca do controle das ações**”. De acordo com as autoras, portanto:

As emoções estão nesse domínio de ações em que o animal se movimenta, em que ele (con)vive. Nessa perspectiva, não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato. Emoção e ação estão intrinsecamente interligadas. Distinguimos as diferentes emoções baseando-nos nas ações que a corporalidade conota, nas apreciações que fazemos delas, sejam de nós mesmos ou dos outros (CAVALCANTE; MILITÃO, 2016, p. 49),

Cavalcante e Militão (2016, p. 55) defendem a tese de que as experiências emocionais são uma dimensão constitutiva da vida humana, indispensável ao processo de produção de sentidos e, nessa medida, constitutiva da operação cognitiva básica de integração conceptual:

Na perspectiva aqui adotada, o jogo de encenação discursiva se estrutura, necessariamente, com base em experiências emocionais. As emoções, nesse sentido, funcionam como uma espécie de “motor” no processo de produção de sentidos. Em termos conceptuais, as experiências emocionais funcionam como um frame de relevância. Ao evocar um frame de relevância, por um processo de elaboração, os interlocutores da situação discursiva em questão instauram e compartilham, simultaneamente, dois espaços mentais, que se integram em um *blending*. (CAVALCANTE; MILITÃO, 2016. p. 55).

Tendo em vista o lugar das emoções em operações de *blending*, e destas na composição identitária do indivíduo, partimos agora para uma análise do corpus de narrativas autobiográficas em uma perspectiva cognitivo-enunciativa.

13. Para mais informações sobre a teoria da autopoiese, ver Maturana (1984; 1990; 2001; 2002; 2014).

## 2.4.5 CARTAS DE MIGRANTES E REFUGIADOS

Uma análise das cartas que constituem o *corpus* em estudo nos chama a atenção para a situação discursiva básica das narrativas: nela instanciam-se o enunciador - migrante, longe do lugar de origem - e seu interlocutor projetado - familiar ou amigo em sua terra natal. No tocante à análise da interação enunciativa, cabe ressaltar aqui que não se pressupõem necessariamente interlocutores empíricos - como pode ser visto na encenação que se estabelece na escrita de uma carta. Vale, portanto, relembrar as reflexões de Umberto Eco (1979), no capítulo *O Leitor Modelo*:

[...] um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da própria capacidade concreta de comunicação, mas também da própria potencialidade significativa. Em outros termos, um texto é emitido por alguém que o atualize - embora não se espere (ou não se queira) que esse alguém exista concreta e empiricamente (ECO, 1979).

Dirigindo-se a um interlocutor ausente, os enunciadores referenciam sua chegada ao Brasil e sua trajetória de adaptação revelando, em certos aspectos, sua percepção sobre si mesmos em diversos contextos sociais em que se instanciam. Nessa situação discursiva, esses enunciadores evocam domínios da experiência coordenados com identidades sociais - construídas intersubjetivamente na situação de interação com o interlocutor projetado - topicalizando e predicando determinados referentes. Veremos, mais adiante, como a manifestação do interlocutor projetado opera na construção dessas identidades que se encenam nas narrativas - como a noção de “eu” é experienciada por contraste ou, ainda, o papel da intersubjetividade na constituição identitária.

Tendo em vista esses pressupostos, partiremos para a análise da primeira carta, escrita por um migrante haitiano de 25 anos:

Carta 1 - João<sup>14</sup>  
(Grifos nossos)

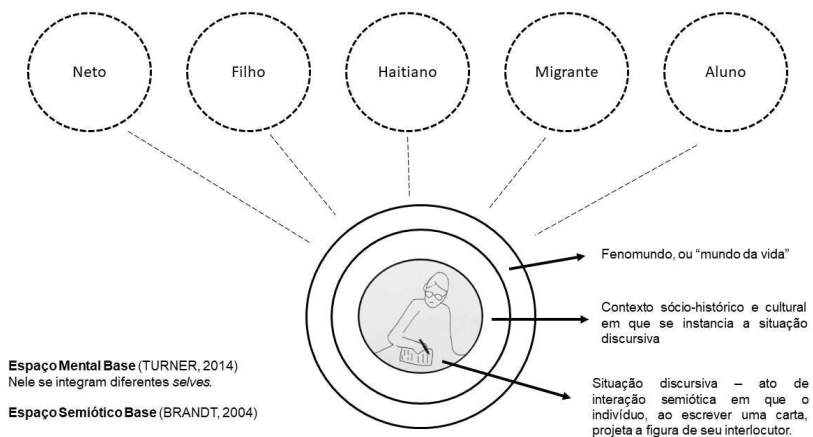
Avó, *querida*<sup>(1)</sup> hoje é um motivo de muita alegria te mandando uma carta, para dizer como foi minha chegada no Brasil e como que eu fui *bem recebido*<sup>(2)</sup>. Na data que eu cheguei no Brasil, 11 de Maio de 2016, essa data é uma data inesquecível. *Meu pai*<sup>(3)</sup> tem uma amiga brasileira, ela é muito generosa e muito querida para nós também, foi ela que me buscou no Aeroporto. Fiquei muito feliz em ver ela e o marido dela também. Para resumir, vó, eu fui bem recebido pelo esse casal bonito. Depois que ela me levou na casa do meu pai, na hora que eu cheguei eu fiquei impressionado demais quando vejo *tantos haitianos*<sup>(4)</sup> no bairro que meu pai mora. *Para aprender a língua portuguesa*<sup>(5)</sup>, eu demorei um pouquinho também. Mas depois, eu me acabei de acostumar. A *cultura do Brasil é muito diferente da nossa vó querida*<sup>(6)</sup>, mas agora eu

14. Para preservar a identidade dos informantes, optamos pelo uso de nomes fictícios.

me acostumei. *Eu gosto de comer pão de queijo que tem aqui e também os mineiros gostam de churrasco*<sup>(7)</sup>, eu gosto também. Enfim, posso dizer que estou bem aqui, mas pra falar a verdade eu tenho muita saudade de você, te amo... beijo

A formação do espaço semiótico base - segundo as premissas de Brandt (2004) - congrega elementos do mundo fenomenológico a fatores situacionais relativos ao contexto de migração na presente interação simbólica. O que presenciamos, portanto, é a encenação de conhecimentos de certas dimensões da interação humana em um aqui/agora discursivo que se estabelece na narrativa. Evidencia-se a consciência do enunciador sobre a situação sócio-histórica da migração pela própria referência ao *acolhimento* (2) ou a outros elementos, de outras esferas de atividade sociocultural - como, por exemplo, a menção ao pão de queijo e ao churrasco (7) como atividades culinárias típicas do lugar que se descreve - o lugar de acolhimento e de (re)adaptação. **Assim, consciente do contexto da migração, o enunciador se constitui como migrante, encenando-se nessa perspectiva ao referenciar sua trajetória de readaptação no Brasil.**

A partir do Espaço Semiótico, João se constrói identitariamente e a seu interlocutor, criando e evocando outros “cenários” para referenciar outros tempos-espacos. Desses outros cenários, João evoca outras identidades, construídas na interação com outros sujeitos, que se integrarão para compor o “eu” que se encena no aqui-agora. Isso pode ser percebido na “encenação de si mesmo” em diferentes papéis sociais - o do neto que se dirige à avó (1), do filho que referencia o pai (3), do haitiano que referencia os conterrâneos (4), do estudante que referencia as dificuldades com a língua (5), do migrante que fala da cultura do país de destino (6 e 7). Ilustramos o processo descrito na figura a seguir:





Ao dirigir-se à figura projetada da avó, João encena-se na posição social de neto, evidenciando o caráter intersubjetivo da constituição identitária, segundo o qual “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*” (BENVENISTE, 1991. p. 286). **A este eu-neto, são integradas conceptualmente outras identidades - eu-filho, eu-haitiano, eu-migrante, eu-estudante-** conforme descrito em Turner (2014). Esse processo, como já vimos<sup>15</sup>, pressupõe a criação de outros espaços mentais, instituídos em outros domínios de experiência, que são acessados a partir do espaço semiótico base.

Por sua vez, os afetos colocados em cena na narrativa de João são reveladores dos estados emocionais que calibram o processo de integração identitária que aqui descrevemos. A experiência emocional do sujeito migrante, que chega ao Brasil e precisa lidar com novidades e incertezas, exerce papel fundamental na composição identitária que se encena, reforçando os argumentos apresentados em Cavalcante e Militão (2016). Esse processo se evidencia, por exemplo, na forma como João integra a identidade de filho - recebido pelos amigos do pai - à identidade de migrante recém chegado. Nessa mesclagem de identidades, a configuração emocional do indivíduo que se encena atua na estruturação e ativação de um *frame* de relevância<sup>16</sup> que calibra a instauração e integração dos espaços mentais em que habitam os dois *selves* integrados: o **Espaço de Referência** em que se situa o *eu-migrante* e o **Espaço de Apresentação** em que se instancia o *eu-filho*. Como resultado, a identidade do migrante que chega ao Brasil é predicada em termos de uma identidade outra - a do filho que é acolhido pelo pai e recebido por seus amigos - produzindo uma identidade estável que se enuncia, inscrevendo-se no discurso.

As experiências emocionais do sujeito ainda calibram o modo como este referencia os elementos de sua chegada ao Brasil. Como exemplo, na *Carta 1*, notamos que João descreve a amiga brasileira de seu pai como “muito generosa e muito querida”, encenando a si mesmo sob o domínio emocional da *gratidão* e do *apeço*. Levando em consideração o contexto a que João referencia, a encenação desses afetos diz muito sobre a questão do *acolhimento* e sobre o modo como esse sujeito migrante percebe sua recepção no país de destino. Sendo assim, demonstramos que **a análise de narrativas autobiográficas oferece uma ferramenta valiosa para a compreensão das interações entre o sujeito migrante e o ambiente - no contexto de readaptação e reconstrução identitária - e das experiências emocionais que emanam dessas interações, calibrando o modo como o sujeito significa a si mesmo e ao seu entorno.**

---

15. Ver seção 5.2. deste artigo.

16. Ver seção 5.4. deste artigo.

A encenação de si mesmo na perspectiva do migrante que chega ao Brasil e se depara com um cenário de diferenças também é perceptível na segunda carta, escrita por um migrante haitiano de 24 anos:

*Carta 2 - José<sup>17</sup>*

Minha cara mãe, Atualmente estou totalmente feliz para te escrever essa carta tão importante para mim. Ante de apresentar o objetivo dessa carta, eu quero te dizer: “Boa tarde ou Bom dia ou Boa noite minha mãe querida, que você esteja bem divinamente. O objetivo desta carta para te explicar, contar minha chegada aqui no Brasil e adaptação a cultura Brasileira. Graça a Deus, eu cheguei aqui no Brasil muito bem, com a tranquilidade. Mas para me adaptar a cultura brasileira não foi fácil porque ela tão bem diferente com à nossa. De dia a dia estou acostumando com a cultura quer dizer: a língua, a maneira de cozinhar, de dansar, de cantar, de se divertir... etc. Oque eu mais gosto da cultura Brasileira é o sport especialmente a práticas do jogo de futebol. Também eu gosto a maneira de adorar na igreja especialmente na Batista. Finalmente minha mãe querida, a cultura brasileira é muito bonita e eu espero que você achará esta carta e saber um pouco desta cultura.

A perspectiva do migrante é colocada em cena a partir do sujeito que se enuncia como filho ao dirigir-se a uma mãe ausente no aqui-agora discursivo. Em outros termos, José integra a identidade de migrante a uma identidade de filho - ou ainda, referencia seu “eu-filho”, apresentando-o como um “eu-migrante”.

Para projetar a figura de seu interlocutor, José produz um espaço mental em que se instanciam a mãe e outros elementos do passado. Desse espaço, emergem os elementos necessários para a composição identitária - que parte da construção do outro (mãe) a quem se dirige para a encenação de si mesmo no papel social de filho. **Esse processo evidencia a importância da criação de espaços mentais para a construção do *alhures*, do *outro* e do *ontem* (não aqui, não eu, não agora) no discurso.**

Do mesmo modo que o enunciador da *Carta 1* referencia elementos da existência no Brasil - integrando conhecimentos relativos ao contexto sócio-histórico na composição do espaço semiótico base - José o faz na *Carta 2* ao mencionar a língua, a dança, a igreja, o esporte e a cultura em geral. Essa mobilização de conhecimentos também se faz evidente na menção à *adaptação* à cultura, revelando a consciência do sujeito sobre o contexto histórico e sociocultural e sobre sua situação como migrante. **Residem aqui as bases da percepção de si mesmo e da constituição identitária, que parte da emergência de uma noção primária de *self* para a mesclagem de diferentes *selves* em uma ideia estável de “eu”.**

---

17. Para preservar a identidade dos informantes, optamos pelo uso de nomes fictícios.

Em ambas as cartas o processo de adaptação sociocultural é referenciado, mencionando-se a superação das dificuldades, seja com a língua ou com a cultura do lugar de acolhimento. Esse elemento evidencia a construção de um espaço em que se constrói um “ontem” - neste espaço habita um sujeito que se configura identitariamente de acordo com as relações que estabelece com o outro e com o ambiente. É importante ressaltar a fluidez deste “ontem”, que ora se institui em um passado distante - para a referência à vida no país de origem, por exemplo - e ora em um passado mais recente - para referenciar a chegada ao Brasil ou as dificuldades enfrentadas (agora já superadas). Quando um espaço mental se instaura, produzindo um “ontem” ambientado no país de origem, temos um sujeito-haitiano que pode ser integrado ao sujeito-neto ou sujeito-filho que se encena no aqui/agora. Já para a encenação de si mesmo como migrante, é necessária a criação de um espaço mental que produz um “ontem” ambientado já no país de destino, onde o sujeito que se constrói não é mais o haitiano em sua terra natal, mas um sujeito diaspórico - o migrante, longe do país de origem. Sendo assim, vários espaços de um “ontem” são acessados na perspectiva do eu que se enuncia no “agora” do discurso para composição e mesclagem de diferentes *selves*. Em suma, **a identidade que se constrói nas narrativas é marcada pelo movimento cognitivo de (re)contextualização e, nessa medida, pela (re)significação do “eu-lá-ontem” por um “eu-aqui-agora”.**

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise desenvolvida, pudemos observar como ocorre a constituição identitária do sujeito - migrante ou refugiado - que se encena ao referenciar a própria trajetória de readaptação sociocultural. Demonstramos a importância das operações de integração conceptual na construção da identidade, segundo os preceitos teóricos da semiótica cognitiva e, ainda, o papel fundamental das emoções neste processo. Conforme vimos, o sujeito que se encena mescla diferentes percepções de si mesmo - em diferentes tempos, espaços, papéis sociais, etc. - para produzir uma noção estável de *self*. Para isso, são produzidos espaços de apresentação e referência, configurados a partir de frames de relevância que, por sua vez, são calibrados pelos estados emocionais sob os quais o sujeito se encontra.

Demonstramos na análise a importância da criação de espaços mentais para a construção do *alhures*, do *outro* e do *ontem* (não aqui, não eu, não agora) no discurso. Assim pudemos perceber a formação identitária do enunciador-migrante como produto de um movimento cognitivo que reconstrói um “eu-ontem-lá”, integrando-o a outros *selves* para a constituição do “eu-aqui-agora”.

Pretendemos, com a divulgação destes resultados, contribuir para a realização de futuras pesquisas que incidam luz sobre os fenômenos linguístico-cognitivos implicados na formação da identidade e que, sobretudo, deem visibilidade à situação de migrantes e refugiados pelo mundo todo. Trabalhos que trazem foco aos dilemas de populações em situação de vulnerabilidade social são extremamente importantes e respondem a uma necessidade urgente no contexto geopolítico em que este artigo foi escrito.

**Immigrants' and refugees' autobiographical narratives:  
“*there-yesterday me*”, “*here-now me*”**

**ABSTRACT:**

In this work, we investigate, in a cognitive and enunciative perspective, the process of identity construction of immigrants and refugees, through autobiographical narratives, emphasizing how, when narrating their experience of arriving in the receiving country, they put on stage affections and build different points of view. We describe how the subject is staged, constructing, discursively, perspectives of different “selves” - in different times and spaces - when referencing his own socio-cultural readaptation trajectory. The research corpus was constituted in the field of a university extension practice, more precisely, in workshops teaching Portuguese as a welcoming language. Therefore, it comes from a participatory action research (PAR) approach. The narratives are analysed under epistemological and methodological principles pertaining to the theory of Conceptual Integration Networks (BRANDT; 2014) and to studies that attribute the status of relevance to emotions in the meaning production process (CAVALCANTE; MILITÃO, 2014). From our analysis, it was possible to conclude that the identity formation of the immigrant speaker results from a cognitive movement that recreates a “*there-yesterday me*”, integrating it with other “selves” for the constitution of the “*here-now me*”.

Keywords: Identity. Immigrants. Narratives. Perspective. Refugees.

## REFERÊNCIAS:

ACNUR. acnur.org, 2021. **Página inicial**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/>. Acesso em: 06 de Maio de 2021.

ACNUR. acnur.org, 2021. Sobre o ACNUR, Convenção de 1951. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/>. Acesso em: 06 de Maio de 2021.

ACNUR. acnur.org, 2021. Sobre o ACNUR, Dados sobre Refúgio. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>. Acesso em: 06 de Maio de 2021.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1991. [1.ed.:1958]

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989. [1.ed.:1969]

BRANDT, Per Aage. **Spaces, domains, and meaning: essays in cognitive semiotics**. Bern: Peter Lang Verlag. European Semiotics Series, n° 4, 2004

CAVALCANTE, Sandra. **O fenômeno da intertextualidade em uma perspectiva cognitiva**. Belo Horizonte: UFMG. 2009

CAVALCANTE, Sandra; MILITÃO, Josiane, (orgs.). **Emoções: desafios para estudos da linguagem e cognição**. Belo Horizonte: PUC Minas [*E-book*], 2016.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FLISTER, Catarina Valle. **O processo de (re)construção identitária de migrantes e refugiados em contexto de aprendizagem do Português: um estudo de natureza sociocognitiva**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2020

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The Way We Think: Conceptual Blending And The Mind's Hidden Complexities**. Nova York: Basic Books, 2002

FERREIRA, Luciane Corrêa *et al.* **Língua de acolhimento: experiências no Brasil e no mundo**. Belo Horizonte: Mosaico Produção Editorial, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **A relevância da noção de perspectivação conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso: teoria e análise.** Letras, v. 27, n. 54, p. 67-100, jan. 2017.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 2002

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Cristina Magro, Victor Paredes (Trad.) 2. Ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014

MOREIRA, Julia Bertino. **A problemática dos refugiados na América Latina e no Brasil.** Cadernos PROLAM/USP (ano 4 - vol. 2 - 2005), p. 57-76

MOREIRA, Julia Bertino. REFUGIADOS NO BRASIL: Reflexões acerca do processo de integração local. REMHU - **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, Ano XXII, n. 43, p. 85-98, jul./dez, 2014

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO. *In:* pucminas.br, 2021. **Extensão, Projetos, LER - leitura e escrita de refugiados e migrantes.** Disponível em: <http://portal.pucminas.br/proex/index-link.php?arquivo=projeto&nucleo= 0&codigo=434&pagina=4896>. Acesso em: 06 de maio de 2021.

SERVIÇO JESUÍTA A MIGRANTES E REFUGIADOS. *In:* sjmrbrasil.org, 2021. **Quem somos.** Disponível em: <https://sjmrbrasil.org/quemsomos/>. Acesso em: 06 de maio de 2021

TURNER, Mark. **The origin of ideas: blending, creativity and the human spark.** Oxford: Oxford University Press, 2014.

WERNER, K. C. G. A intersubjetividade antes da subjetividade na teoria da enunciação de Benveniste. **Signótica**, v. 18, p. 397-411, 2007.